



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
solenidade de instalação do Conselho Nacional da Juventude**

**Palácio do Planalto, 02 de agosto de 2005**

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro de Estado chefe da  
Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro Jorge Wertheim, representante da Unesco no Brasil,

Meu querido Tilden Santiago, embaixador do Brasil em Cuba,

Meus queridos companheiros deputados Vicentinho, Reginaldo Lopes,  
deputado Vignatti, André Figueiredo e Marinha Raupp,

Meu querido companheiro Beto Cury, secretário nacional da Juventude,

Minha querida Regina Novaes, secretária-adjunta da Juventude,

Senhorita – gostei do “senhorita” aqui – Severine Carmem Macedo,  
membro do Conselho Nacional da Juventude,

Meus queridos companheiros e companheiras membros do Conselho  
Nacional da Juventude,

Meus amigos e minhas amigas,

Não sei o que você está fazendo aqui, “Newtão”, você também é da  
Juventude?

Eu vou pedir licença, eu vou sair daqui para cumprimentar um  
companheiro que não pode vir até aqui.

A juventude é uma fase da nossa existência mas, na vida da Nação, ela  
é a força permanente que renova as energias de um povo e desafia os limites  
da história. A distância entre a sociedade que somos e o país que queremos  
ser encontra, na juventude brasileira, um de seus canais de expressão mais



urgentes e promissores.

A esperança, nós sabemos, não floresce do vazio. O potencial da juventude requer políticas públicas condizentes com o tamanho dos seus sonhos e a dimensão das suas possibilidades. É precisamente isso que nos traz aqui, hoje.

A criação deste Conselho Nacional da Juventude, vinculado à Secretaria-Geral da Presidência da República, é mais um elo republicano que vem reforçar as estruturas democráticas do Estado brasileiro. Estamos fazendo com que o Estado seja, de fato, o que ele deve ser: expressão do interesse público e do bem-comum, jamais abrigo de privilégios e de interesses particulares.

Trazer as vozes da sociedade para renovar a esfera pública tem sido preocupação constante deste governo. E não é de agora, mas desde o primeiro dia do nosso mandato. É mais do que uma meta, portanto, é também um método de governo.

O Estado, temos convicção, não deve se sobrepor à sociedade, deve, sim, expressá-la nos seus compromissos compartilhados que assegurem a justa destinação dos recursos públicos às prioridades definidas pelo escrutínio democrático.

A verdade é que o Estado brasileiro não tem sido fiel a essa função, ao longo da história. Ainda hoje, infelizmente, há interesses na nossa sociedade que se contrapõem à democratização do aparelho público e do orçamento nacional. Em nome do Estado mínimo, na verdade, o que muitas vezes se apregoa é o corte máximo no investimento social, para preservar a máquina pública como se fosse uma velha capitania hereditária a serviço de interesses menores e egoístas.

Ao privilégio interessa muito mais semear o preconceito contra a causa pública do que fortalecer os princípios regeneradores da vida democrática e republicana. Nós preferimos o caminho da responsabilidade histórica.



E é com essa responsabilidade que desejo falar ao coração da juventude brasileira. Quero dizer aos nossos jovens que não existe fatalidade na trajetória dos povos e das nações. O destino do Brasil depende exclusivamente da nossa vontade. Para isso, é preciso ter disposição de assumir riscos, definir objetivos, abrir caminhos. É preciso também, sempre que necessário, corrigir erros e retomar projetos com mais força e experiência.

Nossa vida e nossos sonhos são inseparáveis. Tenho certeza de que vocês, jovens de corpo e de espírito, sabem que a luta pela construção de um Brasil humanista e solidário, certamente vai transpor os limites deste governo, dos próximos e da nossa própria existência. Mas chegaremos lá.

O compromisso de luta por um futuro melhor estará sempre vivo nas urgências de cada geração e na permanência dos nossos valores igualitários e republicanos. É isso que nos leva a persistir e a clamar para a juventude. O caminho da esperança não é o que recebemos pronto, mas o que nós ousamos construir e que vocês continuarão construindo.

Meus queridos jovens, minhas queridas amigas, meus queridos amigos.

Governar para todos é algo difícil, que exige muita dedicação e sacrifício, mas a cada resultado alcançado, a cada oportunidade aproveitada por quem mais precisa, nós ficamos felizes, com o coração em festa, certos de que valeu a pena. Foi com esse espírito que recriamos o Conselho Nacional de Segurança Alimentar, o Consea, montamos o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, implantamos as Secretarias da Pesca, da Mulher, dos Direitos Humanos, da Igualdade Racial. Com esse mesmo objetivo, criamos também a Secretaria Nacional da Juventude e, agora, este Conselho da Juventude.

Estamos provando, na prática, que o método da participação social é mais justo e eficiente para resolver os problemas do país gerando muito mais conquista para todos. Nossa democracia tem, assim, um encontro marcado com a participação, cada vez mais intensa e produtiva, dos jovens no futuro



brasileiro. Hoje, mais de 48 milhões de brasileiros têm entre 15 e 24 anos, e quase 17 milhões estão na faixa entre 20 e 24 anos, registrando presença recorde na demografia nacional. Essa força juvenil, esperançosa e exigente, quer oportunidade e reconhecimento para poder se exprimir e se emancipar de verdade.

Quase 69% dos nossos moços e moças vivem em famílias com renda *per capita* inferior a um salário mínimo. Trinta e um por cento habitam as grandes capitais, especialmente as periferias metropolitanas dilaceradas por insuficiências conhecidas de todos nós. É aí que se encontra um dos contingentes mais vulneráveis do nosso povo. Cerca de um milhão de jovens vive nas capitais dos nossos estados, com idade entre 18 e 24 anos, e não estão na escola, não estão no trabalho, e não concluíram a 8ª série do ensino fundamental.

Para essa parcela da juventude, que parece não estar em lugar nenhum, nós abrimos uma porta, o ProJovem. Trata-se de um mutirão pela cidadania que terá, até o final deste ano, 200 mil vagas num esforço conjunto do governo federal com as prefeituras das 27 capitais brasileiras. O ProJovem, como vocês sabem, cria condições efetivas para que milhares de jovens das periferias possam concluir seus estudos, aprender uma profissão e também prestar serviços comunitários, de modo a reencontrar a sua identidade no bairro, na rua e, muitas vezes, no seio da própria família. Para muitos, é a primeira oportunidade real de ocupar um lugar ao sol, para dar vazão a toda a sua criatividade e um potencial libertário.

Quem não se emocionou, quando o Programa teve início, agora, em Recife, diante daquela manifestação juvenil tão comovente? Um compromisso fundamental deste governo é, portanto, de ajudar a romper a hereditariedade da injustiça social que tem se propagado através da juventude pobre, a quem a sociedade tem negado o direito ao futuro e à esperança. Trata-se, no fundo, de fazer a democracia brasileira funcionar para os que mais precisam dela,



assegurando a cada cidadão o mesmo ponto de partida, e a cada jovem a oportunidade de provar o seu mérito, sem o limite da desigualdade econômica que separa previamente a fila do sucesso e a fila da desilusão.

Esse Conselho da Juventude não é instrumento do Estado para os jovens, é um espaço da própria juventude para que ela apresente suas reivindicações, suas críticas, suas contribuições ao desenvolvimento social. Um espaço no qual a juventude brasileira, que tem sido capaz de criar suas organizações representativas e autônomas em todas as regiões do país, poderá expressar amplamente sua generosidade transformadora para podermos construir juntos um Brasil cada vez mais soberano.

Meus queridos amigos e amigas,

Meus companheiros, Petta, e demais dirigentes da UNE que estão aqui presentes, que não estavam na minha nominata, senão teria citado vocês com imenso prazer,

Meus companheiros do Conselho,

Deputados,

O importante de falarmos de jovens é que nós já fomos jovens. Falar da velhice é difícil, porque nós ainda não chegamos lá. Mas a juventude, certamente todos nós já tivemos 19, 20, 22, 23, tivemos problemas iguais, maiores ou menores, que tem a juventude brasileira hoje, mas, certamente, há 40 anos atrás era muito mais confortável, embora não tivéssemos acesso aos bens materiais que a juventude tem hoje, era muito mais confortável ser jovem, estávamos menos vulneráveis do que vocês estão nos dias de hoje. O papel do Estado, portanto, não é dizer o que fazer, o papel do Estado, quando cria este Conselho, é dizer a vocês: nós, governo e Estado brasileiro, não temos condições de saber todas as coisas que interessam para melhorar as condições e a qualidade de vida da juventude brasileira. E ao invés de fazermos uma pesquisa, porque poderíamos ter feito para saber o que acontece na juventude brasileira, saber os anseios de vocês, nós preferimos a



idéia consagrada, inclusive dos nossos queridos deputados, de consolidar o Conselho, para que o Estado brasileiro, neste e em outros governos, tenha a capacidade, a inteligência de não perder de vista, de não perder a oportunidade, de sempre ouvir o clamor dos mais diferentes segmentos da sociedade, porque assim nós, e quem quer que seja que venha depois de nós, errará menos do que se não ouvir a nossa sociedade.

É por isso que nós criamos o Conselho de Justiça; é por isso que nós criamos as Secretarias todas, a última que faltava era a da Juventude, e que está criada; é por isso que nós criamos algumas áreas novas que têm muito a ver com a juventude brasileira e é por isso que nós estamos vivendo um momento, que eu diria, interessante, na história política do nosso país. Certamente, se vocês forem persistentes, se vocês acreditarem em vocês, individualmente ou coletivamente, certamente vocês um dia poderão chegar onde eu cheguei. Ou seja, pela persistência, pela perseverança, por acreditar que era possível convencer a maioria da sociedade de que nós podíamos fazer as coisas acontecerem diferentemente do que acontecia no Brasil.

E nós estamos fazendo, e eu queria dar alguns números para vocês. A nossa companheirinha Severine, que falou ali, ela é novinha para vocês que a estão vendo agora mas, para mim, que conheço a militância dela junto à Fetráf-Sul, lá no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e parte do Paraná, eu sei que ela é nova de idade, mas tem uma bagagem muito grande na militância. E eu vou dar um número aqui que, certamente, para ela interessa tanto ou mais do que para outros companheiros. A Severine sabe que, no Plano Safra para a Agricultura Familiar, no Plano Safra de 2002/2003, que é feito de junho a junho, portanto, começou em 2002 e terminou em 2003, esse Plano Safra liberou, de recursos, 2 bilhões e 400 milhões, com a contratação de 900 mil contratos.

O nosso Plano Safra, 24 meses depois, que terminou agora, no dia 30 de junho, contratou 6,1 bilhões, portanto, 154% a mais do que nós herdamos, e contratou 1 milhão e 700 mil proprietários de terra, 88% a mais. E, o que é mais



importante é que, pela primeira vez na história do Brasil, nós conseguimos nacionalizar o financiamento do Pronaf que antes, quando era anunciado, 80% dele era para a região Sul do país, notadamente três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

E hoje, se vocês pegarem a distribuição do Pronaf, vão perceber que está no Acre, está em Roraima, está no Amapá, que está na Paraíba, que está em Pernambuco. Grande, uma imensidão de pequenos proprietários agrícolas que tinham dois problemas. Primeiro, não tinham nenhuma cultura de ir ao banco buscar dinheiro. Segundo, quando chegavam ao banco, encontravam um gerente que tinha perdido a cultura de emprestar dinheiro para a agricultura familiar. Nós levamos mais de um ano em um processo de reeducação para as pessoas entenderem que a idéia era beneficiar o pequeno.

Uma segunda coisa extremamente importante: quando nós chegamos aqui, nós tínhamos como transferência de renda, 2 bilhões e 200 milhões. Este ano completamos 6 bilhões e meio de transferência de renda com o Bolsa Família, um crescimento de apenas 195% em relação ao que nós herdamos.

Se nós formos pegar, Dulci, os gastos que o nosso governo está tendo, com todos os benefícios vinculados ao salário mínimo, nós chegamos aqui com 98 bilhões de reais, que eram pagos a todos os beneficiários que recebem o salário mínimo. Este ano nós atingimos 165 bilhões de reais, 70% a mais do que nós herdamos. Se nós analisarmos a Saúde, nós saímos de 24 bilhões para 37 bilhões. Apenas para dar um dado, por que é que a Polícia Federal está sendo mais eficiente? É que nós saímos de 342 milhões para 582 milhões, num aumento de 69%. Se nós analisarmos só a reforma agrária, nós saímos de 850 milhões para, praticamente, 1 bilhão e 600 mil reais, praticamente o dobro, e ainda falta um ano e meio para terminar o nosso mandato.

Eu estou dizendo isso porque, muitas vezes, num ato como esse, possivelmente o destaque que este ato terá na imprensa será quase nenhum, porque está acontecendo o processo da Comissão de Ética, o companheiro



José Dirceu está lá e, certamente, como minha mãe dizia: “coisa ruim sempre tem mais privilégio do que coisa boa”, no noticiário do mundo inteiro, não apenas no Brasil.

Vocês, possivelmente, não tenham ouvido ainda que a coisa que eu acho mais extraordinária neste governo foi a aprovação do ProUni. O ProUni, e a UNE acompanhou com carinho, é a maior política de educação universitária já feita neste país num curto espaço de tempo. Aquilo que parecia humanamente impossível aconteceu no primeiro ano da aplicação do ProUni: 112 mil jovens, a maioria da periferia, estudantes das escolas públicas brasileiras, e uma boa parcela de negros, conseguiram entrar na universidade para fazer um curso.

E sabe, companheiro Petta, que nós estamos, além disso, anunciando mais três universidades federais já aprovadas pelo Congresso, 32 extensões das universidades federais para o interior do país. Até o Vale do Mucuri, tão esquecido durante séculos – só era lembrado no tempo do ouro ou da pedra, mas na hora das políticas públicas era muito esquecido – o Vale do Mucuri vai receber uma extensão de universidade federal para atender o Vale do Jequitinhonha. Amanhã eu vou a Garanhuns visitar as obras da extensão da Universidade Rural de Recife para Garanhuns.

Por que estamos fazendo isso, e o que isso interessa, sobretudo, à juventude brasileira? Porque não há, na humanidade, em nenhum momento da história da humanidade, qualquer país que tenha se desenvolvido sem antes ter investido na educação. Porque eu tenho discutido com os meus companheiros de governo sobre a questão da educação, e toda vez que alguém fala “nós não podemos gastar tanto, não podemos gastar tanto”, eu tenho dito que é preciso parar, de uma vez por todas, de utilizar o dinheiro com que a gente faz política social e o dinheiro investido na educação, como gasto. São investimentos que têm retorno imediato e que, certamente, é aquilo que mais pode enobrecer um país como o Brasil, que tanto precisa de investimento





na educação.

Certamente vocês, jovens, sabem que é difícil recuperar o tempo perdido em pouco tempo. Eu, uma vez, perguntava a um assessor meu quanto custou a gente não ter feito as coisas no tempo certo: quanto custou a gente não ter feito a reforma agrária na década de 50; quanto custou a gente não ter tido uma política de universalização da educação na década de 40; quanto custou a gente não ter investido, neste país, nos momentos em que tivemos oportunidade de investir. E todo mundo sabe que uma prestação atrasada é mais difícil de pagar, duas é mais difícil, três é mais difícil. E, quando você atrasa muitas prestações, você termina não pagando mais o teu bem.

No caso do Brasil, por conta da irresponsabilidade histórica de investir na juventude brasileira, de investir na educação deste país, nós vamos levar muito mais tempo para transformar a nossa sociedade numa sociedade definitivamente justa e igualitária, na questão das oportunidades.

Mas todos vocês são muito jovens. E, se depender da ação deste governo, de cada ministério envolvido nessa política da juventude, vocês podem ter certeza que em 4 anos nós vamos fazer algumas coisas que não foram feitas em 10 anos.

É o caso do Fundeb, companheiro Prefeito de São Carlos, que é um sonho deste país, que foi votado e que foi vetado e que, agora, nós estamos no Congresso Nacional. Ainda hoje conversei com o presidente Severino, que o Fundeb tem que ser aprovado este ano, porque ele significa o maior investimento público de um governo na educação brasileira, colocando a possibilidade viva de 17 milhões de jovens terem acesso às escolas brasileiras. Se nós fizermos isso, os deputados já cumpriram com a sua parte, já aprovaram; os senadores já cumpriram com a sua parte, já aprovaram, ou melhor, não, ainda não aprovaram, estão dispostos a aprovar, porque já foi conversado com todas as lideranças e eu espero que a gente consiga fazer isso. E espero que o Conselho da Juventude, ora criado, ora empossado, e que



vai ter a sua primeira reunião amanhã, e depois vai ter reuniões trimestrais para discutir os assuntos de vocês, espero que vocês não se preocupem nunca em atender apenas aquilo que é a demanda do governo. Se for para isso, não valeu a pena criar o Conselho. Vocês têm que ser porta-vozes da sociedade para chamar o governo à responsabilidade de fazer as coisas que têm que ser feitas, na medida em que a gente tenha condições de fazê-las.

Muito obrigado, boa sorte e que Deus abençoe todos vocês.